

La categoría de sentido subjetivo permite construir de forma diferenciada lo que acontece al nivel del comportamiento y la expresión de las personas, sin reducir éstos a una responsabilidad individual. El sentido subjetivo como unidad de análisis de los procesos de subjetivación en el sujeto y la sociedad, de hecho rompe con una representación individualista de la subjetividad individual, pues toda producción de sentido está atravesada por la posición social del sujeto. Desde esta perspectiva se introducen cambios sustanciales en las representaciones teóricas de todos los campos del conocimiento psicológico.

Referências

- BRATUS, B.; REY, F. G. Las formaciones del sentido y las tendencias orientadoras de la personalidad. In: REY, F. G. (Ed.). *Algunas tendencias teóricas y metodológicas sobre el estudio de la personalidad*. Habana: Pueblo y Educación, 1982. p. 71-89.
- CASTORIADIS, C. Para si e subjetividade. In: _____. *O pensar complexo*: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. p. 35-46.
- GEERTZ, C. Nova luz sobre a Antropologia. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2000.
- REY, F. G. Personalidad, sujeto y psicología social. In: MONTERO, M. (Coord.). *Construcción y crítica de la Psicología Social*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1994. p. 149-176.
- REY, F. G. *Epistemologia qualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ, 1997.
- GUATTARI, F. Linguagem, consciência e sociedade. In: LANCETTI, A. (Ed.). *Saúde loucura*. Rio de Janeiro: Hucitec, 1991.
- LEONTIEV, A. A. *Ecce Homo*. Methodological Problems of the Activity Theoretical Approach. Multidisciplinary newsletter for Activity Theory. n. 11-12, p. 41-44, 1992.
- LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Argentina: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.
- OLIVEIRA, J. M. Preconceito e autoconceito. In: _____. *Identidade e interação na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.
- MORIN, E. O Método 4. In: _____. *As idéias*. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- MITJANS, A. *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas: Papirus, 1997.
- ROBBINS, D. Perspectives on Cultural-Historical Theory, Russian Activity Theory (Kharkov School), Western Sociocultural Theory: A (An) Historical Narrative. In Press, 2000.
- VYGOTSKI, L. S. *The collected works of L. S. Vygotski*. New York: Plenum Press, 1987. v. 1.
- VYGOTSKI, L. S. *K voprosy o psikhologii tvorchestva aktera*. In: _____. *Sobranie sochineniya*. (Obras Completas). Moscow, 1984. v. 6.

O SUJEITO HISTÓRICO— CULTURAL: um objeto da Psicologia

ROSA AMÁLIA SPEJO TRIGO¹

Resumo

Este artigo pretende evidenciar algumas contribuições da teoria psicológica do autor russo Vygotski para a superação da fragmentação e dissolução do sujeito enquanto objeto psicológico. Num primeiro momento, aponta quais os processos históricos mais relevantes que desencadeiam essa cisão para, em seguida, referir as contribuições de Vygotski em relação à superação destes entraves. Vygotski elaborou uma Psicologia do homem que funda seus processos psíquicos a partir de sua materialidade, ou seja, de suas condições de vida. A teoria do autor aponta a superação das cisões inscritas historicamente a partir da proposta da “mediação”, conceito fundamental da teoria de Vygotski, que possibilita ao homem a apropriação de si mesmo, da cultura, da sociedade e da natureza. Com a proposta desta Psicologia, o sujeito pode ser apreendido em sua completude como objeto psicológico, enquanto homem que pensa e sente a partir da apropriação de seu mundo e das relações que cultiva com este e com os homens.

Abstract

This article intends to highlight some contributions of the psychological theories from the Russian author Vygotski to surpass the fragmentation and dissolution of the subject as a psychological object. Initially the most relevant historical processes that causes this rupture are pointed out so that we can make reference to Vygotski contribution to the solving to these issues. Vygotski develops a Psychology of the subject that has as a basic premise the notion that psychological processes are based on the human materiality, that is, based on the life condition. The theory points out to the surpassing of the rupture, historically originated, through the proposition of the “mediation”, a fundamental concept in Vygotski theory, which enables the subjects to know/learn about themselves, the culture, the society and nature. From this Psychological perspective, the subject may be

¹ A autora é Mestre em Psicologia e Sociedade pela UFSC e doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP. E-mail: respejo@hotmail.com

understood as a totality, that is, as a psychological object. Once this human being thinks and feels based on the learning/understanding of the world and the cultivated relations established with others.

Palavras-chave:

Vygotski, sujeito, mediação.

Introdução

○ sujeito como objeto da Psicologia: algumas contribuições da teoria de Vygotski²

Incurcionando ao nosso redor podemos perceber que convivemos com diferentes concepções de objeto psicológico. Termos como *mente*, *alma*, *inconsciente*, *comportamento* e outros são designados como objeto da Psicologia, manifestando, dessa forma, uma pluralidade de discursos e práticas que convivem no mesmo espaço.

Nesse contexto, surge com muita consistência uma linha de compreensão do psicológico, referenciada na obra de Vygotski (1896-1934), autor russo que vai possibilitar a apreensão do psicológico a partir do homem em sua totalidade.

Na história da sociedade, a compreensão do psicológico inscreveu-se por caminhos de fragmentação e dissolução. Podemos entender esse processo no resgate das diferentes concepções que o homem têm elaborado do mundo e de si mesmo.

Segundo Japiassu, é possível ter uma compreensão do que o homem pensa de si a partir de sua concepção de ciência. Nesse sentido, nos diz o autor, é possível distinguir três fases distintas:

“... a da concepção clássica do homem (ciência grega), a da concepção cristã (teologia patristica e medieval) e a da concepção moderna. Em cada uma dessas fases, a medida do mundo se reflete na medida do homem” (1977, p. 31).

Desde a Grécia de Platão até a Idade Média, a concepção de homem esteve imersa numa postura cosmovisiva — o cosmo presidindo toda compreensão que o homem tinha do mundo e de si mesmo — e cosmológica — o cosmo sendo o centro a partir do qual o homem se compreendia. Com o advento da Idade Média, o homem manteve a atitude cosmológica/cosmovisiva, tendo como fonte explicativa, porém, não mais o cosmos, mas Deus, voltando-se, dessa forma, a uma postura teocêntrica.

Até essa época, o homem teve, em relação a si mesmo e ao mundo, uma atitude contemplativa, marcada por um destino que lhe era designado por alguma divindade, não havendo lugar para uma compreensão do homem como agente atuante e transformador.

As grandes navegações, os avanços tecnológicos, a expansão econômica e a exploração das colônias trouxeram à tona o encontro com novas culturas, o encontro com as diferenças. Foram mudanças que implicaram a tensão de novos valores, a revisão das crenças, dos costumes, dos significados, e que viriam a ser a base de uma nova concepção de mundo e de homem.

Descartes (1596-1650) postulou o conhecimento da verdade pela razão atribuindo ao homem a condição do conhecimento racional. Outro pensador que foi fundamental na nova concepção de homem e de mundo foi Bacon (1561-1626), empirista que teve a visão de que o homem poderia transformar a realidade pela ciência.

Essa nova percepção do mundo e dos homens trouxe consigo o desmoronamento das concepções tradicionais tidas como absolutas e o surgimento dos referenciais do mundo moderno baseados na razão e no empirismo. Pensamento racional e instrumental que discorda de um pensamento restaurador, romântico, de cunho católico e místico que, numa crítica aos referenciais perdidos, rejeitava o projeto da burguesia e a concepção do homem racional, sustentando a idéia de um homem passional e sensível.

Foi no jogo dessas contraposições que os sujeitos constituíram-se no projeto sócio-cultural da modernidade, num processo cunhado entre os séculos XVI ao XVIII que, a partir desse período, coincide com o capitalismo, enquanto forma de produção.

Para Figueiredo (1991, 1992), a possibilidade dos homens de poder escolher seus próprios caminhos cultivou o espaço das aventuras sem destino certo, sem arrimos nem garantias, sendo também o espaço insólito da ignorância, da ilusão, do erro, da dúvida, da suspeita, das expectativas e, além disso, o espaço das virtudes, dado que, no contexto das indeterminações, cabe ao homem fazer escolhas. Tal é, segundo esse autor, a base da Psicologia, que surge das indeterminações do sujeito nos finais do século XIX e que terá como objeto o sujeito.

Noção de sujeito controversa e paradoxal, pois, de acordo com Morin:

“Em muitas filosofias e metafísicas, o sujeito confunde-se com a alma, com a parte divina ou, pelo menos, com o que em nós é superior, já que nele se fixam o juízo, a liberdade, a vontade moral etc. Não obstante, se o considerarmos a partir de outro lado, por exemplo, pela ciência, só observamos determinismos físicos, biológicos, sociológicos ou culturais, e nessa ótica o sujeito dissolve-se” (1996, p. 45).

A Psicologia, no intento de ser reconhecida pelos paradigmas vigentes, privilegiou, em detrimento da subjetividade, modelos racionais e positivistas prevalentes na época.

² Artigo originado dos textos, discussões e reflexões tratados na disciplina A constituição do sujeito segundo Vygotski, ministrada pela professora Doutora Andréa Vieira Zanella no programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC.

Assim, a Psicologia foi fragmentando seu objeto, o sujeito, segundo Morin (1996), diluindo-o, perdendo-o, expulsando-o e substituindo-o por estímulos, respostas e comportamentos.

“Em decorrência o sujeito é atravessado por uma sucessão de rupturas: num primeiro nível, a sensibilidade, a afetividade, a intuição, a vivência pré-reflexiva, etc... num segundo nível, é a própria razão que se desdobra em discursos de suspeita que procuram identificar e extrair dos discursos com pretensões racionais os vestígios cada vez mais dissimulados da subjetividade” (Figueiredo, 1991, p. 19).

Esta cisão do sujeito já presente na filosofia de Platão foi reafirmada no processo da modernidade a partir das reflexões de Descartes, que consolidou a cisão do homem através da dualidade expressa em alma-corpo, físico-psíquico, subjetividade-objetividade, emoção-razão.

Dessa forma, *“A especificidade da Psicologia se vê duplamente colocada em questão: a Psicologia hesita entre a alienação de uma filosofia de espírito e a alienação de um materialismo psicofisiológico”* (Japiassu, 1977, p. 48).

Uma proposta de objeto psicológico

Diante deste quadro panorâmico da constituição da Psicologia como ciência, surge a teoria de Vygotski, autor do início do século XX, que abrirá horizontes na apreensão do fenômeno psicológico enquanto compreensão do homem por inteiro.

Trata-se do estudo do ser humano que se constituirá psicologicamente a partir de sua vida material, pela sua vida concreta, pelas condições de sua realidade social e de seu cotidiano a partir de uma compreensão dessa realidade perfilada pela dialética e a historicidade dos processos humanos. Uma Psicologia que vai evidenciar como, a partir do mundo objetivo da arte, dos instrumentos, do trabalho, da indústria, se cria e surge o mundo subjetivo do indivíduo (Shuare, 1985).

Vygotski entendia que o maior entrave para uma teoria psicológica do homem estava nas fragmentações históricas do fenômeno psicológico. Nesse sentido, o autor procurou fundamentar uma Psicologia que visasse à superação das diversas posturas psicológicas, reunindo-as em duas grandes vertentes: as perspectivas naturalistas, que pretendem explicar os processos psicológicos como parte dos processos naturais; e as concepções idealistas, que pretendem descrever e compreender os conteúdos e estruturas psicológicas como fenômenos iminentes e transcendentais.

Para Vygotski, ambas vertentes não conseguiram aproximar-se do psicológico e, visando a superação deste impasse, postulou uma nova Psicologia elaborada a partir da filosofia marxista. Trata-se de uma Psicologia materialista histórica e dialética que considera os processos psicológicos como mediados, dialéticos, sociais e históricos.

Considerar o homem como um ser social, constituído nas relações estabelecidas, é um pressuposto marxista acolhido por Vygotski que se nutre da 6ª tese sobre Feuerbach de Marx e Engels: *“... a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade é o conjunto das relações sociais”* (Marx & Engels, 1996, p. 13). Baseado neste pressuposto, tem-se desenvolvido uma Psicologia que tem como intuito explicar como o homem constrói suas características singulares e seus processos psicológicos a partir das relações sociais.

A definição dos processos humanos como históricos é apontada por Shuare (1985), estudiosa da obra do autor, como um dos eixos principais da teoria de Vygotski. Para essa autora, a historicidade, na obra de Vygotski, revela-se em três gerações conceituais. A primeira é a historicidade do tempo humano, tanto na vida individual como na vida social. Nessa dimensão estão a cultura, os instrumentos e os objetos enquanto acervo da humanidade, que os homens assimilam no tempo histórico promovendo a sua transformação e a própria transformação daquilo que herdaram.

A segunda seria a condição não dada dos fenômenos psíquicos.

“Os fenômenos psíquicos, a psique humana, sendo sociais pela sua origem, não são dados de uma vez para sempre, existe um desenvolvimento histórico de ditos fenômenos, uma relação de dependência essencial dos mesmos em relação à vida e à atividade social” (Shuare, 1985, p. 61).

A terceira geração conceitual trata da condição mediatizada da psique humana. A superação do caráter imediato do psíquico, que permite situar um novo locus de existência da psique situado no espaço-tempo da inter-relação do homem com o mundo e no tempo de sua atividade.

Vygotski, referindo-se à superação das cisões, apontava que:

“A profunda diferença entre os problemas psíquicos e fisiológicos resulta totalmente insuperável para o pensamento metafísico¹, no entanto, a irredutibilidade de uns a outros não constitui obstáculo algum para o pensamento dialético, acostumado a analisar os processos do desenvolvimento por um lado como processos contínuos e, por outro, como processos que vão acompanhados de saltos, da aparição de novas qualidades” (1991, p. 99).

Para este autor, a originalidade da Psicologia Dialética consiste, justamente, em tentar determinar de um modo completamente novo seu objeto de estudo, que não é outro que o processo integral do comportamento.

Na concepção dualista separam-se os aspectos intelectuais dos aspectos afetivos, os aspectos fisiológicos dos psíquicos, os subjetivos dos objetivos e assim por diante. Dessa forma, o pensamento se reduz a uma série de idéias que se produzem a si mesmas, dissociadas da vida real, dos motivos, dos interesses, das inclinações do homem.

¹ Vygotski se refere às perspectivas dualistas e fragmentárias que tinham marcado a historicidade dos processos humanos e que ainda se mantêm vigentes nas práticas psicológicas.

Revela-se para o autor o desafio da elaboração de conceitos próprios do fenômeno psicológico. Para isso, Vygotski fundamentar-se-á na "mediação" dos processos psicológicos. Esse caráter mediatizador devia ultrapassar as barreiras instaladas entre os processos básicos - como os reflexos - e os produtos superiores da cultura, a história, o psiquismo humano. Isso implicava sair dos limites do subjetivo e se remeter às formas objetivas da vida social e à relação ativa do homem com a natureza (Riviére, 1985).

Tudo indica que Vygotski fundamentou-se em Spinoza em relação à superação dos dualismos cartesianos e ao livre fluxo das distintas dimensões da condição humana (Van der Veer, 1987, p. 96). Spinoza contradiz seu contemporâneo Descartes em vários pontos que eram de importância central para Vygotski. Em primeiro lugar, Spinoza opta por uma solução monista ao problema alma-corpo. Ambos, alma e corpo, vêem-se como as duas faces de uma mesma substância. Não há, de um lado, um corpo mecanicamente determinado e, de outro, uma alma livre e independente.

Nesse mesmo sentido, Vygotski apontará que pensamento e afetos emergem da mesma substância sendo distintas dimensões do mesmo processo. Ainda...

"O próprio pensamento não toma origem em outro pensamento, senão na esfera motivacional de nossa consciência, a que abraça nossos desejos e necessidades, nossos interesses e motivos, nossos afetos e emoções. Trás o pensamento se encontra uma tendência afetiva e volitiva, a única que pode dar resposta ao último 'por que' na análise do pensamento" (Vygotski apud Shuare, 1985, p. 80).

Segundo Vygotski, quem separa o pensamento do afeto se fecha para sempre à possibilidade de compreender as causas do próprio pensamento... "por quanto a análise determinística de este pressupõe necessariamente a posta ao descoberto dos motivos matrizes do pensamento, das necessidades e dos interesses, dos móveis e tendências que dirigem o movimento do pensamento. Exatamente igual, quem separou o pensamento do afeto faz impossível de antemão o estudo da influência, volitiva da vida psíquica..." (Vygotski apud Shuare, p. 81-82, 1985).

A inscrição desses processos se dá pelo processo de mediação do signo e do instrumento. Através dos signos os homens inscrevem a cultura, transformando a natureza e transformando a si mesmos. Através dos signos os homens se relacionam e transmitem seus pensamentos, seus conhecimentos, sua cultura. Vygotski privilegiou a linguagem como sistema de signos mediadores das funções psíquicas. Além de existirem os signos, estão os instrumentos que mediatizam a relação sujeito - objeto, sendo mediadores entre a atividade e o pensamento nos homens.

No contexto desta teoria psicológica das mediações, da dialética, da histórica e da prevalência do social, o homem pode ser apreendido em sua completude como uma coisa só, que se revela como objeto psicológico enquanto homem concreto, homem que pensa e sente a partir da apropriação de seu mundo e das relações que cultiva com este e com os outros homens.

Considerações Finais

Das reflexões anteriores desdobra-se uma proposta de trabalho psicológico que considere como objeto o homem em sua totalidade: um ser social, inserido num contexto sócio-histórico e político que, paulatinamente, a partir das relações sociais, vai constituindo-se como sujeito, num processo em que o homem é produto e produtor de si mesmo e de seu meio (Zanella, 1997).

Nesta perspectiva das funções psicológicas, inserem-se "a sociedade no homem, o biológico no psicológico e vice-versa, rompendo com concepções biologicistas, solipcistas ou deterministas de desenvolvimento humano, de processos de aprendizagem e de desenvolvimento da consciência" (Sawaia, apud Molon, 1999, p. 10).

É esta a grande riqueza que nos legou Vygotski, este pensador do humano: uma teoria psicológica que nos permite trabalhar a partir de nossa realidade. Assim, aqui no Brasil desenvolvem-se várias linhas de trabalho psicológico que têm como fonte inspiradora a teoria de Vygotski.

No âmbito da Psicologia Social, Silvia Lane (1986) apontará as deficiências da Psicologia Pragmática dos Estados Unidos e as abstratas de cunho europeu, que não davam conta do homem concreto e de suas problemáticas, e desenvolverá uma Psicologia junto a seus alunos inspirada na vertente vygotskiana.

Desse trabalho surgiram novos grupos, Psicologias sempre embasadas em Vygotski, mas nas quais predominaram distintos aspectos de sua teoria. Por um lado, uma perspectiva que dará maior ênfase à perspectiva marxista da teoria e que se empenhará em trabalhar a incidência da materialidade nos processos subjetivos, apontando, portanto, mais aos aspectos ideológicos que dificultam o desvelamento da consciência. Por outro lado, tem se desenvolvido uma linha de reflexão e pesquisa mais spinoziana que destacará em seus trabalhos a superação das dualidades dos processos psicológicos, dando maior espaço aos afetos e motivações como geradoras de razão e pensamento.

Há também grupos de trabalho, sempre na linha teórica vygotskiana, que se empenham em trabalhar os aspectos dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, dando ênfase aos aspectos culturais e à relação com os outros como elementos constitutivos do psicológico.

Poder-se-ia dizer que o que caracteriza essas práticas é o considerar o homem como um sujeito que se constitui em suas relações sociais, a partir das determinantes sociais, produzindo e sendo produzido nesse processo dialético.

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NAS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO: considerações a partir da perspectiva histórico-cultural

GIANNINE SANDRI¹

Resumo

Neste trabalho são apresentadas algumas reflexões sobre a constituição do sujeito na perspectiva das relações de gênero. Com base na teoria histórico-cultural, procuro analisar as construções de idéias sobre o masculino e o feminino, isto é, as pautas de gênero, enquanto constituintes do social e dos sujeitos. Nesta perspectiva, a constituição da subjetividade humana é agenciada através dos processos de significação, quando homens e mulheres atribuem significados socialmente partilhados às relações sociais de gênero, os quais são apropriados pelas pessoas a partir da sua atividade, e outorgam sentidos pessoais, que unificam a atividade do sujeito sobre o objeto.

Abstract

This paper presents some reflections about the constitution of subject in the perspective of gender relationships. According to the socio-historic theory, I try to analyse the structures of ideas about the male and the female, that is to say, the gender questions, as constituents of the social and the subjects. In this point of view, the constitution of human subjectivity happens through the signification processes, when men and women assign shared meanings to the gender social relationships, which are appropriated by people through their activity, and give personal meanings, which unify the subject activity upon the object.

¹ A autora é psicóloga e Mestre em Psicologia pela UFSC. E-mail: giannine@zipmail.com.br

Referências

- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G.; FURTADO, O. (Org.). *Psicologia Sócio-histórica, uma perspectiva crítica da Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001. 224 p.
- DAVIDOV, V. V.; ZINCHENKO, V. P. A Contribuição de Vygotski para o Desenvolvimento da Psicologia. In: DANIELS, H. (Org.). *Vygotski em foco: pressupostos e desdobramentos*. Campinas: Papius, 1994. p. 151-167.
- FIGUEIREDO, L. C. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. 208 p.
- _____. *A invenção do psicológico quatro séculos de subjetivação 1500-1900*. São Paulo: Escuta, 1992. 178 p.
- JAPIASSU, H. *Introdução à Epistemologia da Psicologia*. Rio de Janeiro: Imago Editoras Ltda, 1977. cap. 1, p. 15-35.
- LANE, S. T. *A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia*. In: LANE, S.; CODO, W. *Psicologia Social O homem em movimento*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 10-19.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do Psiquismo*. Portugal: Livros Horizonte, 1978. 350 p.
- LURIA, A. R. *Curso de Psicologia Geral*. In: _____. *A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. vol. 1, cap. 3, p. 71-84.
- MOLON, S. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotski*. São Paulo: Educ, 1999. 173 p.
- MORIN, E. *A noção de sujeito*. In: SHNITMAN, D. *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-55.
- RIVIÈRE, A. *La Psicologia de Vygotski*. In: _____. *La actividad instrumental y la interacción como unidades de análisis de la Psicología de las funciones superiores*. Madrid: Visor Libros - Infancia y Aprendizaje, 1985. cap. 5, p. 41-48.
- SHUARE, M. *La Psicología soviética de Vygotski*. In: _____. *Las fuentes filosóficas de la Psicología soviética*. Madrid: Visor Libros - Infancia y Aprendizaje, 1990a. cap. 1, p. 11-23.
- _____. *La Psicología soviética de Vygotski*. In: _____. *La concepción Histórica-Cultural de L. S. Vygotski*. Madrid: Visor Libros - Infancia y Aprendizaje, 1990b. cap. 3, p. 57-85.
- TOURAINÉ, A. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995. 431 p.
- VAN DER VEER, R. *El dualismo em Psicologia: um análisis vygotstiano*. In: SIGUÁN, M. *Actualidad de Lev. S. Vygotski*. España: Editorial Antrophos, 1987. p. 87-101.
- VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas I*. Madrid: Visor Distribuciones, 1991.
- ZANELLA, A. V. *Depoimentos "A Ideologia Alemã" resgatando os pressupostos epistemológicos da abordagem histórico-cultural*. *Revista Psico*. Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 187-194, jan./jun. 1995.